

QUAL SEU NOME? GÊNERO, IDENTIDADE E RESPEITO EM SALA DE AULA

Data de aceite: 02/05/2024

Maira Rafaela Gomes Ferreira

Graduanda de Pedagogia em
Universidade Federal de Viçosa - UFV

Tamires Souto Silva

Professora substituta da Universidade
Federal de Viçosa - UFV
<https://lattes.cnpq.br/7228306017774914>

Nathielle Goncalves Arruda

Graduanda de Pedagogia em
Universidade Federal de Viçosa - UFV
<http://lattes.cnpq.br/3881938385223395>

Karen Pires Barbosa

Graduanda de Pedagogia em
Universidade Federal de Viçosa - UFV
<https://lattes.cnpq.br/2328486085605205>

Joziane Clarice Borges

Graduanda de Pedagogia em
Universidade Federal de Viçosa - UFV

RESUMO: O trabalho discute as individualidades de autoconhecimento presentes no nome, no que se refere ao gênero, fora da perspectiva binária, identidade e autoafirmação no ambiente escolar, focando no papel do professor enquanto mediador das relações em sala de aula. O livreto “Meu nome é...”, aqui

analisado, surge a partir das discussões da disciplina de Ensino de História (EDU 467), na Universidade Federal de Viçosa, e da análise da necessidade de materiais de apoio para discussões acerca dos temas mencionados e que dialoguem com a lei nº11.645/08, abordando a identidade indígena no cotidiano escolar. Tem como público-alvo estudantes de pedagogia, professores e alunos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental I, assim como coordenadores pedagógicos, pais e/ou responsáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; identidade; educação.

ABSTRACT: The work discuss the individualities of self-knowledge present in the name, about gender, outside the binary perspective, identity and self-affirmation in the school environment, focusing on the role of the teacher as a mediator of relationships in the classroom. The booklet “Meu nome é...”, analyzed here, arises from discussions in the Ensino de História discipline (EDU 467), at the Federal University of Viçosa, and the analysis of the need for support materials for discussions on the topics mentioned and that dialogue with law nº11.645/08, addressing indigenous identity

in everyday school life. Its target audience is pedagogy students, teachers and students in early childhood education and in the early years of elementary school, as well as pedagogical coordinators, parents and/or guardians.

KEYWORDS: Gender; identity; education.

INTRODUÇÃO

O tema abordado está relacionado com individualidades de autoconhecimento presentes no nome, em relação ao gênero, fora da perspectiva binária, identidade e autoafirmação no ambiente escolar, focando no papel do professor enquanto mediador das relações em sala de aula. Tem como público-alvo professores e alunos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental I, assim como coordenadores pedagógicos, pais e/ou responsáveis. O presente trabalho surgiu a partir de discussões na disciplina de Ensino de História (EDU 467), presente no curso de Pedagogia, inserido no Departamento de Educação (DPE) da Universidade Federal de Viçosa - UFV.

Os debates ocorridos dentro da disciplina, a partir de diversas leituras, nos fez perceber que o ensino de história pode ser realizado como uma ferramenta emancipadora ou de dominação, dependendo das ideologias incumbidas ao professor e dos materiais didáticos presentes em sala de aula, portanto é necessário que se entenda que ele não é neutro. Posto isso, quando se discute a questão étnico-racial, se faz importante à aplicação da Lei nº11.465/08, que altera a Lei 10.639/03 para a inclusão da temática indígena, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do estudo e da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. É necessário que se crie estratégias para que essas diretrizes sejam plenamente estabelecidas e corretamente trabalhadas, principalmente em sala de aula, visto que “Diante de um cenário excludente a educação escolar formal é uma das portas para compreender e refrear os processos de anulação cultural, política e social, ao permitir que identifiquemos a diversidade cultural existente em uma sociedade plural.” (Butel e Moraes, 2023). Partimos, então, do pressuposto de que, se a escola é um ambiente que reforça as estruturas opressoras da sociedade, também pode ser o lugar de quebrá-las.

A partir dessa perspectiva, a obra se desenvolve na aplicabilidade da Lei nº11.465/08 num contexto do cotidiano escolar, incluindo a temática indígena, escolhida pelas docentes, em um material cujo tema central não fosse a desigualdade racial, racismo e afins. O objetivo da coordenadora desse projeto, Tamires Souto Silva, então professora da disciplina em questão, foi promover a naturalização do protagonismo negro e indígena em diversas situações, explicitando as diversas nuances da existência desses corpos. As autoras do projeto, em vista disso, escolheram como tema principal a discussão sobre “gênero e respeito em sala de aula”, tendo como material a ser produzido um livreto infantil, por acreditar que a literatura, principalmente nos anos iniciais da educação,

“(…) é uma possibilidade de ampliação das narrativas de ser africano, afro-brasileiro ou indígenas, sob óticas positivas. Ser reis, rainhas, crianças não escravizadas, ter sonhos, brincar e fazer tudo aquilo que qualquer criança branca já experimentou ao ler ou ouvir histórias infantis.” (COSTA, PEREIRA, DIAS, 2022, p.133)

Tendo isso em vista, trazendo o foco para questões identitárias e de gênero, presentes nas diversas infâncias, mas comumente negligenciadas, foi criado um material que pudesse contribuir e enriquecer a bibliografia utilizada em sala de aula a respeito destes assuntos. Nesse contexto, “(…) abordamos a literatura utilizando-a como recurso que aproxima as crianças de outras representações e possibilidades, que muitas vezes demarcam o gênero e a sexualidade e não são discutidas dentro da escola.” (Cavalheiro, 2019). A construção do livreto também se apoia nos campos de experiências, inseridos nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil, previstos na Base Nacional Comum Curricular. Dentre eles, “(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.” (BRASIL, 2018) e “(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.” (BRASIL,2018), presentes no campo “O eu, o outro e o nós”, se destacam por trazer a abertura necessária para que se introduzam as temáticas.

Eventualmente, definiu-se que os objetivos do trabalho deveriam ser, principalmente, potencializar o debate acerca do gênero e da identidade; garantir a aplicabilidade da Lei nº11.645/08 nas escolas; produzir uma obra literária para infâncias que fosse inclusiva; auxiliar na formação de professores para com as abordagens pedagógicas direcionadas às crianças que fogem do padrão cisgênero. Este último tópico, teve grande relevância na elaboração do trabalho, visto que as autoras são pedagogas em formação pela universidade pública, sendo assim, possuem uma grande responsabilidade em pensar estratégias de ensino e materiais formativos para as profissionais que já atuam na docência, principalmente nas escolas públicas. Essa atitude vem da necessidade de que as crianças que são atendidas por essas instituições, tenham, ainda que minimamente, acesso a uma educação respeitosa e inclusiva. Em razão disso, pensando que

O conhecimento naturalizado do gênero funciona (...) como uma circunscrição dos processos de autoreferenciação, implicando a tentativa de reprodução continuada do que está socialmente dado e aceito como norma e privando de legitimidade toda forma de vida que se distancie da instância normativa” (Braga, 2011. , p.17).

possivelmente os profissionais da educação, que são seres inseridos na sociedade, irão reproduzir padrões dessa “instância normativa”. Isso, por si só, justifica a importância do trabalho aqui apresentado.

“MEU NOME É...”: TRABALHANDO IDENTIDADE E RESPEITO NAS RELAÇÕES MAIS SIMPLES DO COTIDIANO.

Tendo por título “Meu nome é...”, o livro narra a chegada de uma nova criança em uma escola e o enredo gira em torno das questões identitárias que surgem após dizer seu nome, “Ariel Puri”. Sem definir seu gênero, a história vai mostrando suas interações com os demais alunos. Enquanto isso, a professora busca compreender o motivo de aquela criança dizer um nome diferente do que está na lista de chamada.

A pergunta “qual é o seu nome?” é, se não a primeira, uma das interações indispensáveis que as crianças têm com adultos e com a turma quando chegam no ambiente escolar. Partiu-se, então, dessa atividade básica para desenvolver uma história que problematize e trabalhe o que um nome pode significar.

Focando nas relações de gênero,

“(...) meninos e meninas são educados para repetir/assumir os “papéis” que lhes cabem na dinâmica social e, desde pequenos, escola e família (...) colaboram entre si para tornar essas crianças os homens e mulheres que devem ser, adquirindo os gostos, as expressões e os comportamentos próprios/apropriados de um ou de outro sexo” (Braga, 2011. p.15).

Observando criticamente como esses papéis podem se desenvolver em sala de aula, seja definindo as brincadeiras, as “panelinhas”, a divisão dos brinquedos, seleção de cores e outros, optou-se por não definir Ariel em qualquer gênero, sempre tratando como “criança”, “pessoa” ou usando seu nome. Esse fato, combinado com a curiosidade natural das crianças pode abrir caminho para questionamentos a respeito da identidade de gênero de quem protagoniza a história. Pensando como “a rigidez dos “papéis” de homem e de mulher, ainda na sociedade, constituiu e fixou a oposição binária entre o masculino e o feminino” (Braga, 2011. p.14), é comum que, por afinidade, as meninas queiram que Ariel seja uma garota e os meninos que seja um garoto. Então, podemos interpretar que as crianças que possivelmente não se identificam com ambos os gêneros normativos, por quaisquer motivos, podem se identificar também com o enredo do livreto.

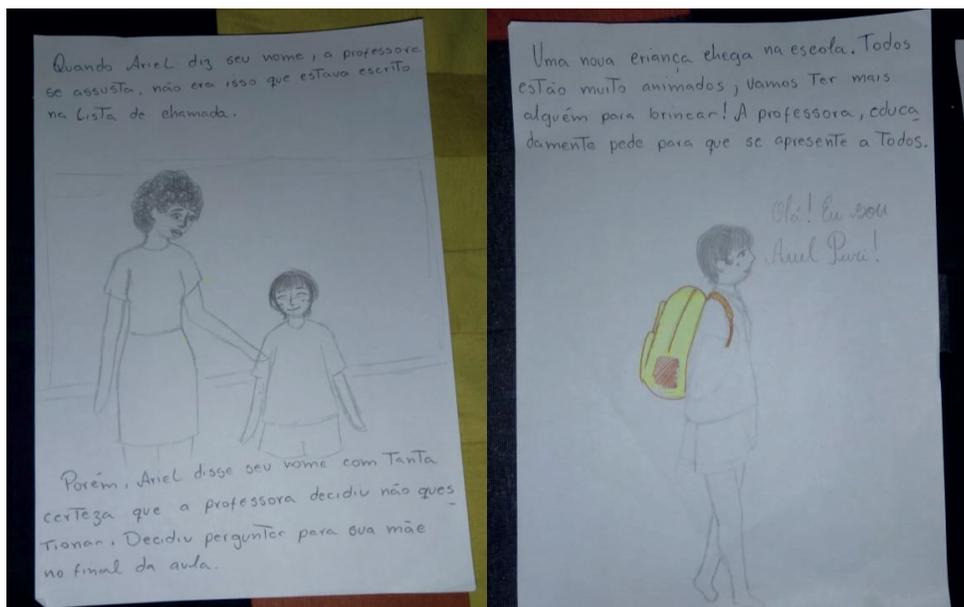
Tratando de explicitar que não é necessário a distinção dos “papéis de gênero”, utiliza-se do brincar e da brincadeira como exemplos. “Na hora do intervalo, Ariel fez vários amigos. Brincou de boneca com Mariana e João Pedro. Pulou corda com Júlia, Paulo e Gabriel. Jogou futebol com Miguel, Kaê e Aninha.” (Ferreira, 2023), nesse trecho, a narrativa tem como propósito levar todas as crianças e professores a perceberem que, as brincadeiras, brinquedos, afetos e acolhimento, devem ser independentes do gênero, respeitando e levando em conta a vontade das pessoas envolvidas.

Além disso, a história se encarrega de trazer também a perspectiva da educadora. “Quando Ariel diz seu nome, a professora se assusta, pois não era o que estava escrito na lista de chamada” (Ferreira, 2023), neste momento, podemos interpretar que o nome Ariel e/ou o “sobrenome” Puri, não são os “de registro” da criança, portanto não estão presentes

na relação de alunos por sala. Dessa forma, a docente, como é mostrado por Ferreira (2023), “...decidiu não questionar. Achou melhor perguntar para sua avó no final no final da aula.”, escolhendo não expor a criança na frente da turma com questionamentos a respeito do assunto. Essa simples atitude, se desdobra na “permissão” para que Ariel, nossa criança hipotética, consiga interagir no ambiente escolar do seu próprio jeito. Também, abre espaço para relembrar a importância do diálogo com a família ou com os responsáveis.

ELABORAÇÃO DO LIVRETO EM QUESTÃO

A elaboração do material foi feita em uma dinâmica em grupo, onde as autoras se reuniram durante um período dentro da carga horária da disciplina de Ensino de História (EDU 467). Num primeiro momento, foi definido o enredo, personagens e diálogos, o próximo passo foi à criação da arte à mão, desenhos dos personagens entre outros elementos. Conduzindo-se ao resultado de um livro literário que explicita a existência das questões de gênero na infância e indica uma abordagem respeitosa e acolhedora por parte dos educadores, intitulado “Meu nome é...”, no qual questões identitárias são identificadas e trabalhadas de maneira leve e divertida. O trabalho, inicialmente feito à mão, ganhou uma versão digitalizada e foi apresentado no Simpósio de Integração Acadêmica (SIA), em 2023, na Faculdade Federal de Viçosa.



Figuras 1 e 2 - Rascunhos feitos à mão.

Fonte: Arquivo Pessoal (2023)



Figuras 3 e 4 - Versão digitalizada.

Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

TRABALHANDO O PROTAGONISMO INDÍGENA PURI

A discussão a respeito de identidade, não se restringe apenas ao gênero. Como foi mencionado anteriormente, o trabalho está primordialmente ligado à Lei nº11.465/08, especificamente abordando o protagonismo de uma criança indígena. A escolha da etnia não se deu por acaso, mas foi fruto da observação e pesquisa de qual povo, predominantemente, habitou e habita a região da Zona da Mata Mineira, onde se encontra o município de Viçosa. De acordo com Puri (2020) “O povo indígena Puri é originário dos quatro estados do Sudeste brasileiro.”, destacando o fato de que “nos séculos XIX e XX, há um progressivo desaparecimento dos Puri dos documentos oficiais, aparentando um quadro de extinção” (Puri, 2020), é perceptível a tentativa de apagamento realizada pelo Estado, pois “ainda hoje, na área rural do estado de Minas Gerais, existem comunidades Puri em territórios de ocupação tradicional da etnia, organizadas em associações, envolvidas na luta pela terra e outros direitos, como a educação” (Puri, 2020).

Pensando o movimento de resistência Puri, em Viçosa, foi realizado no dia 15 de abril de 2023, o “1º Kanduna Puri, evento de cultura indígena promovido pela Secretaria de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes da PMV em parceria com o Movimento de Retomada Puri da Zona da Mata” (VIÇOSA, 2023). Sendo assim, a representação no livreto

possui certa relevância para que as crianças, professores e pais ou responsáveis, visualizem a existência indígena da sua região em materiais lúdicos que podem ser utilizados dentro da sala de aula.

CONCLUSÃO

Com isso, é compreensível que a obra é necessária e relevante por contribuir para a divulgação das temáticas, desconstruindo o senso comum sobre os indígenas, além de contribuir na desnaturalização de gênero da heteronormatividade imposta pela sociedade. Conclui-se que a promoção de debates de gêneros e identidades em sala de aula deve ser em uma linguagem acessível para crianças, pois elas são sujeitos sociais que também atuam, de seu próprio modo, no coletivo. O diálogo deve ser feito com possíveis propostas de adaptações lúdicas como a brincadeira, os desenhos e a contação de histórias, podendo ser baseada em livros e livretos, como o material aqui apresentado. Necessita-se que os professores tenham uma conduta respeitosa e acolhedora com alunos que não se sentem confortáveis com o nome de registro e/ou preferem ser tratados de outra forma. Por fim, material aqui apresentado e elaborado deve servir para a valorização da diversidade e contribuir para o acervo de conteúdos LGBTQIAP+ e para o protagonismo indígena Puri, presentes em sala de aula e outros espaços não escolares em que esses assuntos podem ser discutidos.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. R.; FERREIRA, F. M.; OLIVEIRA, R. DA S. DA RESISTÊNCIA À RESSURGÊNCIA: A HISTÓRIA DO POVO INDÍGENA PURI NA RESISTÊNCIA E MANUTENÇÃO DE SUA CULTURA. [s.d.]. Disponível https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_1077_1210_02.pdf Acesso 4 de abril de 2024.

BRAGA, D. S. Novos/outros corpos, gêneros e sexualidades: experiências de lésbicas, gays e transgêneros no currículo escolar. *Educação em perspectiva*, v. 2, n. 1, p. 12–27, jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para a Educação Infantil. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil/os-objetivos-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-para-a-educacao-infantil>. Acesso em: 05 de abril de 2024.

BUTEL, Irian; MORAES, Tobias Vilhena de. O ENSINO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE PARINTINS/AM. ANAIS DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO, [S. l.], v. 2, p. 179–197, 2024. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/anaisseminariodehistoriaeeducaca/article/view/1067>. Acesso em: 6 abr. 2024.

CAVALHEIRO, A. S. DISCUTINDO O GÊNERO, SEXUALIDADE E AS DIVERSIDADES NA INFANCIA ATRAVÉS DO PNAIC. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 5, n. 4, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i4.1376. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1376>. Acesso em: 6 abr. 2024.

COSTA, S. da R.; PEREIRA, S. da S.; DIAS, L. R. LITERATURA INFANTIL E REFLEXÕES ANTIRRACISTAS NO COTIDIANO DA PRIMEIRA INFÂNCIA. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 14, n. 39, p. 125–139, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384>. Acesso em: 6 abr. 2024.

FERREIRA, M. R. G.; SILVA, T. S.; BORGES, J. C.; ARRUDA, N. G.; BARBOSA, K. P. Qual seu nome? Gênero, Identidade e Respeito em Sala de Aula. 2023. Disponível em: <https://www3.dti.ufv.br/sia/vicosa/2023/trabalhos/19391>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 5, n. 4, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i4.1376. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1376>. Acesso em: 6 abr. 2024.

PURI, T. X. , et al. “Kwaytikindo: Retomada Linguística Puri.” REVISTA BRASILEIRA de LÍNGUAS INDÍGENAS, vol. 3. 2, 19 de setembro de 2020, www.researchgate.net/publication/349256809_Kwaytikindo_retomada_linguistica_Puri. Acesso 4 de abril de 2024.

TAPAS. Read Meu nome é... | Tapas Web Comics. Disponível em: <<https://tapas.io/series/Meu-nome-e-info>>. Acesso em: 8 abr. 2024.

VICOSA. Kanduna Puri celebra a cultura indígena da Zona da Mata. Disponível em: <https://www.vicosa.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/kanduna-puri-celebra-a-cultura-indigena-da-zona-da-mata/165294>. Acesso em: 05 de abril de 2024.